

IDENTIDADE E DIFERENÇA NAS CANÇÕES "CANTO DAS TRÊS RAÇAS" E "ETNIA". UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Sandro José Celeste¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise comparativa das Canções "Canto das Três Raças" (1976) composta por Mauro Duarte de Oliveira e Paulo Cesar Pinheiro e gravada por Clara Nunes e "Etnia" (1996) composta e gravada por Chico Science e Nação Zumbi sobre a perspectiva da discussão sobre identidade/diferença com base nos capítulos "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual" de Kathryn Woodward e "A produção social da identidade e da diferença" de Tomaz Tadeu da Silva, ambos capítulos do Livro "Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais" escrito e organizado por Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e Kathryn Woodward. A partir dessas leituras sobre identidade e diferença, sob a perspectiva contemporânea nos estudos da sociedade e da cultura, apresentar uma análise comparativa das duas Canções, que apresentam olhares diferentes sobre o negro, o índio e o branco. Enquanto que a Canção "Canto das Três Raças" apresenta uma vertente mais essencialista, onde há um conjunto de características comuns a todos os sujeitos que compartilham determinada identidade (negros, índios e brancos), a Canção "Etnia" possui uma vertente não essencialista, cuja, focaliza as características comuns e diferenças nas formas pelas quais a definição de identidade tem mudado e deslocado ao longo do tempo, ou seja, é uma identidade móvel, fluida e híbrida.

Palavras-chave: Canção. Identidade e Diferença. Essencialista. Não Essencialista.

INTRODUÇÃO

O que é identidade? Qual a sua, a minha e a nossa identidade? O que é "ter" uma identidade?

São perguntas que sempre foram difíceis de responder e que possuem inúmeras e imprecisas respostas. No mundo atual tais conceitos ou tentativas de respondê-las ficaram cada vez mais complexas. O que é ser brasileiro? Qual a sua etnia? Qual a sua raça? Perguntas relativamente simples, mas que gera uma série de crises e perturbações na hora de respondê-las.

¹ E-mail: sandrojceleste@gmail.com

Para tentarmos responder tais perguntas, necessário se faz problematizar e definir o que é identidade. Para tanto, vamos problematizar tais questões sobre a perspectiva contemporânea nos estudos da sociedade e cultura.

Em primeiro lugar, é necessário conceituá-la e classificá-la.

Segundo Woodward (2000), uma concepção de identidade está relacionada a uma perspectiva essencialista, ou seja, sobre quem pertence ou não pertence a um determinado grupo identitário. Neste caso, a identidade é vista como fixa e imutável.

Segundo Woodward, a identidade é relacional, ou seja, a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica e depende daquilo que o outro diz o que ela é. Ela é definida pela negação, ou seja, por aquilo que não é.

Em relação a construção da identidade pela diferença, Stuart Hall discorre brilhantemente sobre tal questão:

Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, p.109, p.)

A identidade está ligada ao contexto social e material, e, para Woodward, dependendo dos símbolos marcados em algum desses grupos identitários, isso trará consequências como a exclusão ou desvantagens materiais. Ela é marcada por meio da linguagem, por meio de símbolos que designam a diferença.

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. E por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais. (Woodward, ano, p.14)

Nesses processos de classificações e demarcações que envolvem as relações de identidades e diferenças, outras relações de forças e poder podem ficar esquecidas e/ou escondidas e desaparecem das discussões, ou seja, quando falamos das relações de identidades étnico-raciais, esquecemos das relações de gênero, ou ainda, quando tratamos das relações de trabalho, esquecemos das relações de gênero e étnico-raciais, que tanto, podem rebaixar ou excluir determinadas categorias e/ou demandas. Portanto, as identidades

não são unificadas e possuem inúmeras contradições, e todas elas precisam ser problematizadas e negociadas.

E por último, mas não menos importante não se pode esquecer do aspecto psíquico em relação às questões identitárias, ou seja, por que as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com ela (Woodward, 2000, p.15).

IDENTIDADES CULTURAIS ESSENCIALISTAS E NÃO ESSENCIALISTAS.

Após essas primeiras conceitualizações e problematizações referentes à identidade/diferença, para que possamos analisar as duas canções, é preciso distinguir também o que seria uma identidade cultural essencialista e não essencialista.

A primeira diz respeito a uma concepção de identidade fixa, sólida e imutável, com relação à qual um determinado grupo de pessoas se identifica, como, por exemplo, uma nacionalidade, uma etnia ou uma raça.

A segunda se refere a uma concepção de identidade fluida, móvel, em construção e híbrida, em relação à qual, não apenas uma determinada categoria de pessoas se identifica, e sim, uma coletividade heterogênea, ou seja, vários grupos de sujeitos.

Na concepção essencialista, para se afirmar uma identidade, é preciso diferenciá-la, em outras palavras, é na negação ou diferenciação do outro que se constrói determinada identidade. É a identidade construída pela diferença.

Na identidade não essencialista, a diferença é vista como fator positivo, ou seja, ela é necessária para a construção daquela identidade. É a identidade “na” e “com” a diferença.

A IDENTIDADE CULTURAL ESSENCIALISTA E NÃO ESSENCIALISTA EM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS.

As conceitualizações clássicas quanto aos termos raça (ligada às questões biológicas) e etnia (relacionada às características culturais), também ganham contornos mais complexos na pós-modernidade, nos quais, apesar dessas diferenciações, parece que tais conceitos se unem, ganhando em complexidade e abarcando mais semelhanças e diferenças nos sujeitos que reivindicam tal ou qual identidade. Em outras palavras, o que é ou quem pode pertencer ou pleitear tal raça ou determinada etnia? Eu posso ser brasileiro e estrangeiro ao mesmo tempo,

posso ter dupla cidadania, mas quem é mais brasileiro, esse ou aquele? Não sejamos infantis a ponto de achar que todos são iguais no âmbito jurídico ou civil, pois sabemos o quanto nossa sociedade brasileira trata com extrema desigualdade os diferentes tipos de pessoas, pelo simples fato delas serem estrangeiras, negras ou homossexuais, por exemplo.

À primeira vista, pode-se parecer que a concepção essencialista de identidade traz apenas uma característica negativa e/ou excludente. Na maioria dos casos relacionados às questões identitárias, ela é sim utilizada para excluir o “outro” ou os “diferentes”, como por exemplo, quem pode fazer parte ou pertencer a tal comunidade, povo, nacionalidade ou país. Para definir tais critérios, obrigatoriamente, temos que excluir diversas identidades, como por exemplo, os estrangeiros, os negros, os homossexuais, etc.

Por outro lado, a concepção essencialista pode servir para atender demandas de grupos que historicamente foram excluídos de determinada sociedade. É o caso por exemplo, das comunidades quilombolas e indígenas que reivindicam a demarcação de suas terras previstas na Constituição Federal de 1988. Também é o caso das dos sujeitos que fazem parte das comunidades afrodescendentes e indígenas que possuem direitos garantidos por lei à política de cotas nas universidades públicas.

Problematizando e superando essa discussão dicotômica entre positivo e negativo, Stuart Hall critica a necessidade dessa perspectiva essencialista de identidade em relação à questão racial:

Esse momento essencializa as diferenças em vários sentidos. Ele enxerga a diferença como "as tradições deles versus as nossas" — não de uma forma posicional, mas mutuamente excludente, autônoma e autossuficiente — e, conseqüentemente, incapaz de compreender as estratégias dialógicas e as formas híbridas essenciais a estética diaspórica (HALL 2003, p. 344)

Nesses casos, apesar de tal perspectiva essencialista de identidade possuir o intuito não de excluir, e, sim, de incluir grupos majoritários em termos proporcionais na nossa sociedade, mas que são chamados equivocadamente de “minorias” não por serem numericamente menores que outras “categorias” ou “grupos” da nossa sociedade, e sim, por nunca terem seus direitos garantidos de fato na nossa sociedade, tal problemática repete, equivocadamente, e relação das duas oposições mútuas ou/ou, enquanto que o mais correto seria substituir o “ou” pelo “e”. Nesse sentido Stuart Hall cita o exemplo de Paul Gilroy enfatizou em relação a agenda política e cultural da política negra no Reino Unido na década de 90 do século passado:

(...)os negros da diáspora britânica devem, neste momento histórico, recusar o binário negro britânico. Eles devem recusar porque o "ou" permanece o local de contestação constante, quando o propósito da luta deve ser, ao contrário, substituir o "ou" pela potencialidade e pela possibilidade de um "e", o que significa a lógica do acoplamento, em lugar da lógica da oposição binária. Você pode ser negro e britânico, negra e britânica não somente porque esta é uma posição necessária nos anos 90, mas porque mesmo esses dois termos, unidos agora pela conjunção "e", contrariamente à oposição de um ao outro, não esgotam todas as nossas identidades. (HALL 2003, p. 345)

Stuart Hall também critica a fragilidade da identidade essencialista pois esta naturaliza as diferenças, passando a ideia de que estas são frutos de diferenças biológicas e genéticas, portanto, naturais, enquanto que o correto é apontar tais diferenças como fruto de construções históricas e culturais.

Nesse sentido Stuart Hall, de maneira objetiva e didática escreve sobre a identidade essencializante à questão de raça comparando-a e exemplificando com a questão de gênero e sexualidade:

O momento essencializante é fraco porque naturaliza e des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significante "negro" é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir. Além disso, como sempre acontece quando naturalizamos categorias históricas (pensem em gênero e sexualidade), fixamos esse significante fora da história, da mudança e da intervenção políticas. E uma vez que ele é fixado, somos tentados a usar "negro" como algo suficiente em si mesmo, para garantir o caráter progressista da política pela qual lutamos sob essa bandeira — como se não tivéssemos nenhuma outra política para discutir, exceto a de que algo é negro ou não é. Somos tentados, ainda, a exibir esse significante como um dispositivo que pode purificar o impuro e enquadrar irmãos e irmãs desgarrados, que estão desviando-se do que deveriam estar fazendo, e policiar as fronteiras — que, claro, são fronteiras políticas, simbólicas e posicionais — como se elas fossem genéticas. E" como se pudéssemos traduzir a natureza em política, usando uma categoria racial para sancionar as políticas de um texto cultural e como medida do desvio. (HALL 2003, p. 345)

E é nesse sentido que Stuart Hall, corrobora tal pensamento em relação à invocação de uma Identidade Não Essencialista:

“ (...) As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos



recursos da história, da linguagem e da cultura para produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração, mas como “o mesmo que se transforma” (Gilroy, 1994): não o assim chamado “retorno às raízes”, mas uma negociação com nossas “rotas”. (HALL, 2000, p.108,109)

ANÁLISE DAS CANÇÕES

Feita as primeiras definições e problematizações sobre identidade e diferença, passamos a pensar na análise das canções.

A análise se limita a observar as canções sob as questões relacionadas a identidade nas perspectivas essencialista e não essencialista. E é sobre essa perspectiva que vamos trabalhar duas canções, de diferentes épocas, que tratam de questões relacionadas a raça e etnia além das demandas, lutas, resistências e misturas culturais dos povos considerados clássicos na formação da sociedade brasileira que são os africanos, os indígenas e o brancos.

CANTO DAS TRÊS RAÇAS – UMA IDENTIDADE ESSENCIALISTA (ANEXO 1)

Em relação à análise musical, Canto das Três Raças, é uma música que está no disco que leva esse mesmo nome, que foi lançado em 1976, ou seja, já nos últimos anos da ditadura civil-militar brasileira (1964-1984). A letra da canção foi escrita por Paulo Sérgio Pinheiro e Mauro Duarte, interpretada por Clara Nunes. A música é um samba, gênero musical brasileiro, mas que possui influências africanas, principalmente em relação à percussão. Essa canção também possui uma outra especificidade muito marcante, não é apenas um samba, e sim um samba que possui vários batuques e ritmos do Candomblé, religião de origem africana e que possui como um dos traços marcantes, a musicalidade extremamente percussiva, de tambores a atabaques.

Essa canção é reconhecidamente um dos símbolos de luta e resistência da população negra brasileira, sendo entoada em vários cantos do país e regravaada por inúmeros artistas.

Em relação à letra da canção, a começar pelo título da música, “Canto das Três Raças”, já se identifica uma forte característica da perspectiva essencialista de

identidade, ou seja, a diferenciação nas três raças consideradas como os povos que forjaram a identidade brasileira, que são o negro, o índio e o branco.

A letra dessa canção é marcada por duas características fortes da sociedade brasileira que é a marca da resistência de alguns grupos (negros e indígenas) e da opressão de outro grupo, os brancos, sobre os demais.

Na segunda estrofe, está a questão do indígena que foi levado para o cativeiro pelo homem branco e na terceira estrofe, está a menção ao negro, sua fuga e resistência no Quilombo dos Palmares.

Percebe-se, explícita e implicitamente, em praticamente toda a letra a demarcação, a relação inseparável da identidade/diferença, que no caso, consiste na diferenciação entre negros, indígenas e brancos.

A música trata da relação de violência e opressão, em que praticamente toda a História do Brasil é concebida, onde os povos brancos de origem europeia (portugueses) subjugarão, em um primeiro momento, os povos que aqui viviam (indígenas) e depois os povos africanos que foram escravizados e trazidos para o Brasil (negros).

A música também demarca de forma clara a resistência dos negros e indígenas frente a absurda violência a que foram submetidos pelos brancos, sendo que o “Canto” entoado por ambos, representa, tanto no sentido literal da palavra, que seria cantar para esquecer e/ou amenizar sua dor, como também, no sentido figurado, as mais variadas formas de resistência frente à escravidão.

Ainda na segunda estrofe, a letra se remete aos brancos, em relação à luta dos Inconfidentes, que possui diferentes narrativas ao longo da História do Brasil, mas que aqui no caso, se refere à luta por igualdade e fraternidade (influenciados por ideais Iluministas).

Mesmo na última estrofe, tal perspectiva essencialista não pode ser aplicada, pois o autor, quando se refere aos trabalhadores, não distinguindo se são negros, indígenas ou brancos, ele também está delimitando uma categoria que possui traços identitários, que é a dos “trabalhadores”, e que, se diferencia de outras categorias, como no caso, o “patrão”. Aqui há de ressaltar, no que tange às questões identitárias de raça e etnia, não se pode afirmar que é uma perspectiva essencialista, e sim e apenas no que tange à questão de “relações de trabalho”.

Apesar da “união dessas três raças”, na última estrofe, quando se fala no canto ou na dor do trabalhador, não se pode afirmar que a letra tem uma perspectiva não essencialista, que teria como traços a miscigenação, o hibridismo e uma identidade móvel e em construção, pois nessa estrofe a mencionada “união” se dá em torno da condição de trabalhador, ou seja, ela trata da questão identitária de classe, ou seja, de uma categoria de trabalhadores e não de raças e etnias que se misturam e se reconhecem em semelhanças e diferenças. Sintetizando, a discussão aqui não gira em torno de questões étnico-raciais e sim de relações de trabalho, mais especificamente, da relação trabalhador-patrão.

ETNIA – UMA IDENTIDADE NÃO ESSENCIALISTA (ANEXO 2)

A música Etnia faz parte do segundo álbum, Afrociberdelia, da banda brasileira pertencente ao Movimento Manguebit, Chico Science e Nação Zumbi que foi lançado em 1996. O contexto da época ajuda a entender o hibridismo musical de tal obra, o final da década de 90 foi um momento do pós-Guerra Fria em que várias características da chamada Globalização estavam se afirmando e refletiam em todos os campos e instâncias, e, na musicalidade não seria diferente. Percebe-se que pela mistura sonora, o disco e a respectiva canção possuem influências da música eletrônica, do rock e do hip hop (elementos globais) misturados com ritmos musicais pernambucanos como por exemplo os timbres marcantes dos tambores de maracatu (elemento regional).

Apesar do título da canção ser Etnia, o que para muitos já é questionável em relação a indefinição do termo, percebe-se ao longo da letra, vários elementos de uma perspectiva não essencialista de identidade, ou seja, híbrida, em movimento, líquida e em construção.

Já na primeira estrofe, apesar de utilizar os termos referentes às raças, índios, brancos, negros e mestiços, a letra já demarca que “todos são iguais” apontando as contribuições de todas essas raças e povos para a construção de uma etnia. Além disso, a letra também deixa claro que a questão identitária aqui se trata da perspectiva não essencialista, onde as diferenças são tratadas como elemento positivo (“Nada de errado em seus princípios”) pertencente de uma identidade fluida e em construção. Em uma

perspectiva essencialista, tal característica serviria para demarcar a diferença do outro, reafirmando assim, sua identidade.

A letra da canção Etnia mostra um outro traço marcante da identidade sobre a perspectiva não essencialista que é o hibridismo. Na última estrofe da canção, há uma série de fusões de ritmos e gêneros musicais (Maracatu Psicodélico, Capoeira da Pesada, Berimbau Elétrico) onde todas essas fusões e hibridismos contribuem para a formação da nossa Etnia. Esse é um dos elementos marcantes das identidades não essencialistas, que é a mistura do local com o global, do regional com o universal e do antigo com o moderno. E é através dessas misturas e hibridismos, não apenas musicais, mas em todos os âmbitos culturais que se faz uma identidade étnica numa perspectiva não essencialista, onde todos os elementos diferentes dos vários povos constituintes de uma nação servem para construir uma cultura rica, heterogênea, diversa, ampla, mutante e fluida, com a qual todos, com suas semelhanças e diferenças, se identificam e não se diferenciam, que somam e não dividem, que se agregam e não se excluem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise comparativa das canções “Canto das Três Raças” (1976) e “Etnia” (1996) sob a perspectiva das identidades essencialista e não essencialista, percebe-se que ambas, produzidas em diferentes momentos, reivindicam uma identidade propositiva, inclusiva e positiva.

“Canto das três raças” possui uma perspectiva essencialista, mas que foi necessária para abarcar demandas de grupos que historicamente foram excluídos da sociedade brasileira (negros e indígenas), mais especificamente e notoriamente o Movimento Negro. Mesmo dando uma ênfase maior a esses grupos identitários, a canção não deixa de mencionar a contribuição dos brancos (apesar que a Inconfidência Mineira é uma narrativa controversa na historiografia brasileira) também para a luta e construção de uma sociedade mais igualitária.

“Etnia” possui nitidamente uma identidade sob a perspectiva não essencialista que mostra claramente que “nossa etnia” é forjada e construída pelos mais diferentes grupos e suas respectivas culturas, e que é justamente essa mistura e esse hibridismo que nos faz ser e ter uma cultura tão rica e única. Única no sentido de representar um

“caldeirão” de povos e culturas tão diferentes, mas que juntos, formam uma identidade ampla e diversificada.

A importância das discussões sobre as perspectivas de identidade essencialista e não essencialista, discutidas aqui em torno dessas canções, escritas e gravadas em contextos diferentes, continuam atuais, por isso essas canções podem ser consideradas verdadeiros símbolos de uma identidade brasileira, cuja, para alguns e em determinados momentos, é fechada e fixa, ou seja, essencialista, e, em outros momentos e para outros grupos está em construção, é híbrida e heterogênea, ou seja, é não essencialista.

A identidade brasileira continua sendo objeto de disputas pelos diferentes grupos que formam a rica, complexa e diversificada sociedade brasileira. Alguns defendem a tal identidade brasileira como sendo essencialista, onde alguns grupos a querem para si como sendo os “verdadeiros portadores dessa identidade”, com o intuito de se diferenciar e excluir os demais grupos da respectiva identidade, ou mesmo, em alguns casos, para reivindicar acesso a lugares e direitos, aos quais historicamente sempre foram excluídos. Outros defendem que a identidade nacional é híbrida e está em constante construção, cuja, não pertence a esse ou aquele grupo, mas sim a todos, e, nesse caso, a identidade não precisa da diferença para se afirmar, aliás, aqui a diferença, o fronteiroço, a mistura e a heterogeneidade são elementos constitutivos dessa identidade não essencialista.

“Canto das Três Raças” reverbera demandas, lutas e resistências de alguns grupos perante a violência e a exclusão de nossa sociedade brasileira, e, “Etnia” afirma uma identidade complexa que está em construção, híbrida, fluida e complexa. Ambas as canções, essencialista ou não essencialista, defendem uma sociedade mais igualitária, plural, democrática e justa, onde todos possam, ao mesmo tempo, manter suas especificidades, individualidades e subjetividades, mas que não se sintam rejeitados e/ou excluídos da sociedade brasileira, ou seja, que os diferentes grupos que formam nossa sociedade brasileira mantenham suas identidades, essencialista ou não, e sintam pertencentes a essa sociedade, que na teoria se diz igualitária e democrática, mas que na prática é desigual e excludente.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações culturais. Trad.de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Álvares, Francisco Rüdger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG/ Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ANEXOS

1 - Canto das Três Raças

Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil

Um lamento triste
Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativoiro
E de lá cantou

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou

E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

E ecoa noite e dia
É ensurdecido
Ai, mas que agonia
O canto do trabalhador
Esse canto que devia
Ser um canto de alegria
Soa apenas
Como um soluçar de dor

<https://www.youtube.com/watch?v=Swbt2HGmXmY>

Etnia

Somos todos juntos uma miscigenação
E não podemos fugir da nossa etnia
Índios, brancos, negros e
mestiços
Nada de errado em seus princípios
O seu e o meu são iguais
Corre nas veias sem parar
Costumes, é folclore é tradição

Capoeira que rasga o chão
Samba que sai da favela acabada
É hip hop na minha embolada
É o povo na arte
É arte no povo
E não o povo na arte
De quem faz arte com o povo



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE
2017
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC

Por de trás de algo que se esconde
Há sempre uma grande mina de
conhecimentos e sentimentos

Não há mistérios em descobrir
O que você tem e o que gosta
Não há mistérios em descobrir
O que você é e o que você faz

Maracatu psicodélico
Capoeira da Pesada
Bumba meu rádio
Berimbau elétrico
Frevo, Samba e Cores
Cores unidas e alegria
Nada de errado em nossa etnia.

<https://www.youtube.com/watch?v=r49G6PXBhQY>